SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA

ANTÔNIO MARTINS FILHO (*)

Senhor Presidente. Senhores Conselheiros:

A data de hoje assinala a decorrência do sesquicentenário da adesão da Bahia à Independência Nacional.

O povo baiano e o seu Governo estão em festas, mercê das comemorações do fato histórico, contando, inclusive, còm a presença do Exmo. Sr. Presidente da República.

Tenho a convicção, Sr. Presidente, de que a efeméride merece na realidade o destaque que lhe é conferido, com o aplauso unânime de todo o País.

Assim, ao mesmo tempo em que se faz justiça à bravura dos heróis de Pirajá, também se estimula aos pesquisadores de nossa história, no sentido de preencherem as lacunas e corrigirem as distorções que ainda existem, em relação a vários episódios que integram e completam a epopéia da independência em nossa Pátria.

Não padece dvvida de que o acontecimento maior e, pois, o mais importante para a nossa emancipação política foi, com efeito, a proclamação do Príncipe Regente às margens do Ipiranga.

Não obstante, terá de ser considerada a extensão territorial do País, pois que era manifesta a preocupação das Cortes de Lisboa em fortalecer determinadas áreas do Brasil setentrional, com o indisfarçável intúito de ali sustentar a causa portuguesa.

Desse modo, poderia ter ocorrido entre nós fato semelhante ao que se verificou na América Hispânica, isto é, a fragmentação do território nacional em vários ou, pelo menos, em mais de um Estado.

Essa circunstância ainda mais realça e faz avultar a significação da vitória da causa da independência na Província da Bahia que, juntamente com a do Maranhão, representavam os dois fortes baluartes lusitanos em terras do Brasil.

Para a avaliação da importância da independência na Bahia, como fator decisivo da emancipação total do País, torna-se opòrtuno mencionar outros fatos ocorridos no Norte e nº Nordeste, a começar pelos reiterados anseios de libertação manifestados na

(*) Saudação à Bahia proferida no período de comunicações da reunião plenária do CFE, realizada em 2 de julho de 1973.

Província de Pernambuco e sua repercussão nas demais Províncias vizinhas, principalmente, na do Ceará Grande.

Com efeito, em 1.º de setembro de 1822, reunido o Senado da Real Vila do Crato, ficou deliberada a adoção de providências que iriam constituir grande afronta à Junta de Governo da Província, tornando-a inoperante e ridícula.

Essa atitude de rebeldia e insubmissão tornou-se ainda mais ostensiva com a formação de um Governo Temporário, na vila de Icó, em 16 de outubro de 1822.

Já então se encontrava em Oeiras, Capital da Província de São José do Piauí, o emissário do Congresso Constituciònal de Lisboa — o bravo militar João José da Cunha Fidié, com ordens peremptórias de sustentar a causa lusitana, no sentido de preservar as Províncias do Maranhão e do Grão Pará dos sediciósos cearenses e baianos.

Fidié possuia brilhante fé de ofício, pois havia participado da Guerra Peninsular, lutando denodadamente ao lado dos Exércitos de Wellington, contra as hostes invasoras de Massena e de Junot.

Como Governador das Armas da Província do Piauí, o prestígio de seu nome passou a constituir motivo de euforia para òs partidários da causa lusitana, especialmente para os membros da Junta de Governo da Província do Maranhão.

Depois de restaurar o domínio português na tumultuada Vila Real da Parnaíba, o Governador Fidié teve um encontro decisivo com as tropas brasileiras, no lugar Genipapo, bem próximo a Campo Maior. Na batalha as tropas fiéis a Portugal saíram vitoriosas, mas os nativistas cearenses se apoderaram do trem de guerra de Fidié, que teve de se transportar para a Vila de Caxias, importante reduto português no interior maranhense. Ali permaneceu no Quartel do Morro das Tabocas, sendo depois sitiado pelas Tropas Expedicionárias do Ceará e Piauí ao Maranhão, comandadas pelo Cap.-Mor José Pereira Filgueiras.

A rendição de Fidié só ocorreu em 1.º de agosto de 1823, depois que Lord Cochrane havia proclamado a independência em São Luís do Maranhão.

Sr. Presidente: Os episódios ora sumariamente narrados demonstram a real significação da luta travada na Bahia pela causa da independência.

Na realidade, somente depois da vitória de 2 de julho se tornou possível consolidar os movimentos de rebeldia já referidos e a própria causa brasileira em todo o território nacional, com a queda dos últimos redutos lusitanos: — S. Luís do Maranhão, em 28 de julho; Caxias do Maranhão em 1.º de agosto e a Província dc Grão-Pará, em 11 de agosto daquele ano de 1823.

Mas, exige uma referência especial, a gigantesca batalha travada na Bahia, naquele período decisivo que teve início em 25 de junho e terminou na data histórica que hoje se comemora.

De como se desenrolou a luta sangrenta nos dá uma imagem perfeita a genialidade poética de Castro Alves, na "Ode ao Dois de Julho", cujas estrofes magistrais procurarei repetir:

Era no dois de julho. A pugna imensa
Travara-se nos serros da Bahia.
O anjo da morte pálido cosia.
Uma vasta mortalha em Pirajá.
"Nesse lençol tão vasto, tão extenso,
"Como um pedaço roto do infinito...
"O mundo perguntava erguendo um grito:
"Qual dos gigantes morto rolará?!..."

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma — um vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia!
Por feras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dois povos se batiam!
Enorme anfiteatro — era a amplidão!

Não! Não eram dois povos que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado,
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente à escravidão,
Era a luta das águias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras — como águias eriçadas —
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...
.....
.....

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — liberdade peregrina!
Esposa do porvir irmã do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos do cabrito
Um pedaço de gládio — no infinito
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

Sr. Presidente:

A Bahia é grande em tudo, porque nela foram solidamente implantadas as raízes da nacionalidade.

Assim nos acontecimentos históricos, nos movimentos de natureza política, nas crenças e tradições populares, nas ciências, nas letras e nas artes, isto é, em todas as manifestações da cultura, a Bahia de Todos os Santos está presente, com o seu poder telúrico irreversível. que lhe confere o **status** de região mais característica do Brasil.

Neste Egrégio Colegiado, por exemplo, dos cinco Presidentes que lhe dirigiram os destinos, três nos foram oferecidos pela Bahia — Magnífico Reitor Edgar Santos, nome que pronunciamos com respeito, com admiração e com saudade; O Ministro Raymundo Moniz Aragão; e agora, nesta atual brilhante fase, V. Exa.

Honro-me, pois, na data histórica que hoje decorre, em saudar a Bahia, na alta convicção de que ela permanecerá, através dos séculos, esplendidamente emoldurada em suas glórias eternas.